

A ARTE DE ESCREVER

Manuela Eugênio Maia

Na busca de materiais para leitura na *World Wide Web*, ação habitual do ser docente, chamou-me a atenção: *a arte de escrever*. Quando olhei o autor, Schopenhauer (1788-1860), filósofo alemão do século XIX. Confesso: senti medo! Traumatizada com a tentativa em ler há alguns anos Hegel (1770-1831). Não obstante, o título da obra fez-me arriscar por seu sentido convidativo. Estilo simples e direto, o autor deixa claro o seu repúdio por textos indecifráveis, considerando-os desrespeitosos e desonestos, fazendo o leitor perder tempo e energia. Num dado momento, ele transparentemente diz: "o leitor é martirizado pelo efeito narcótico de períodos longos e enviesados, sem pensamento algum. [...] Contudo, a máscara mantida por mais tempo é a da ininteligibilidade, embora isso aconteça apenas na Alemanha [...] e finalmente alcançou seu clímax em Hegel". E conclui: "não há nada mais fácil do que escrever de tal maneira que ninguém entenda" (SCHOPENHAUER, 2007, p. 82-83). Que alívio! Saí do profundo desconforto intelectual de que só era possível para "mentes brilhantes" compreender os escritos hegelianos. Sempre pontuei: escrever é um exercício mental que deve primar pela clareza dos argumentos para que se estabeleça a conexão com o leitor. Seguramente, com Hegel, essa premissa não se aplica. Além disso, Schopenhauer apresenta na obra *a arte de escrever* vários aspectos pertinentes referentes à escrita, à leitura, à linguagem e ao estilo narrativo. Ao término dessa prazerosa leitura, o sentimento foi o de compartilhá-la e, por isso, a escrita desta resenha.

Manuela Eugênio Maia

manuelamaia@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/6925135164773452>

Professora assistente do curso de Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI), mestra em Educação (2004), graduada em Biblioteconomia (2006) e Pedagogia (1999) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Submetido em: 18/06/2017

Publicado em: 15/12/2017

Proveniente de família de escritores, sua mãe, Johanna Schopenhauer, foi famosa romancista; sua irmã também seguiu os passos maternos e chegaram a manter por vários anos um salão literário com destacado papel no cenário cultural em Weimar, cidade da Alemanha. Neste circuito, Arthur Schopenhauer conheceu várias figuras ilustres da literatura alemã, nutrindo profunda admiração por Goethe (1749-1832), colaborando inclusive na escrita da obra *doutrina das cores* (1810). Crítico da própria mãe, rompeu com a família em 1814. Sua filosofia foi marcada pelas leituras em Platão (427 a.C.-347 a.C.), Kant (1724-1804), os antigos clássicos gregos e latinos, além de autores da tradição da literatura indiana. Não perdia oportunidade em depreciar os "incompetentes filósofos idealistas alemães". Ao iniciar na Universidade de Berlim a

docência em 1820, trabalhou no mesmo departamento de Hegel, autor objeto de suas árduas críticas. Dada a fama do colega, tal postura lhe condenou a abandonar a Universidade e ser marginalizado por trinta anos dos ciclos filosóficos. O inesperado sucesso da obra *Parerga e Paralipomena* (1851), depois da segunda metade do século XIX, abriu as portas para os seus estudos e êxito. Escreveu vários livros e destaque: *a quádrupla razão do princípio de razão suficiente* (1813) - tese de doutoramento; *sobre a visão e as cores* (1816), *o mundo como vontade e representação* (1819); *sobre a vontade da natureza [da vontade na natureza]* (1836); *os dois problemas fundamentais [básicos] da ética* (1841); *a arte de ter razão* (1864); entre outros (PUC-SP, 2017; SCHOPENHAUER, [20--], 2007).

A arte de escrever é apresentado por Pedro Süssekind, também responsável pela tradução dos 5 (cinco) ensaios que a obra reúne, a saber: (1) *sobre a erudição e os eruditos*; (2) *pensar por si mesmo*; (3) *sobre a escrita e o estilo*; (4) *sobre a leitura e os livros*; (5) *sobre a linguagem e as palavras*. Intitulado *sobre a leitura em seus vários aspectos*, Süssekind apresenta o desafio em traduzir Schopenhauer em função do seu espírito crítico no tocante ao exercício da tradução. Tempestivo, condenava a produção livresca do consumo pelo consumo e, sobretudo, pela "necessidade" criada por uma sociedade que só aspira o que de novo foi escrito. E complementa: "o novo raramente é bom, porque o que é bom só é novo por pouco tempo" (SCHOPENHAUER, 2007, p. 61). Defensor da língua latina e da escrita simples e direta, Schopenhauer censurava a prolixidade e a nebulosidade textuais, num momento, segundo ele, de decadência da língua alemã. Em sua análise, Süssekind defende que os cinco ensaios reunidos possuem caráter metalinguístico, pois "discutem elementos como o estilo, a escrita, o pensamento próprio, [delineando] uma teoria da escrita". E Süssekind continua asseverando que Schopenhauer é "um grande escritor e um pensador original, mas também a sua teoria da escrita antecipa muitas questões que seriam retomadas por filósofos posteriores" (SCHOPENHAUER, 2007, p. 16-18).

O primeiro ensaio *sobre a erudição e os eruditos* enfatiza a gradativa pobreza intelectual das gerações alemãs em período equivalente a cada três décadas. Para o autor, isto se associa ao fato da (1) adesão crescente das línguas vernáculas em detrimento do latim e do grego no currículo escolar (esse debate é retomado na décima terceira e na décima quarta seções do terceiro ensaio), empobrecendo a capacidade da razão, e (2) preocupação constante no circuito social em informar, deixando a instrução à margem do processo pedagógico. A informação, segundo Schopenhauer (2007, p. 20) "é um mero meio para a instrução". Apostar no exagero da leitura resulta no enfraquecimento da mente; o leitor precisa de momento para a

apropriação do processo de compreender e de saber. Em contraposição aos eruditos, afirmava que eram seres superficiais que visavam a autopromoção, devorando textos e mais textos, "tagarelando" sem refletir o que foi lido; geralmente, especialistas em uma diminuta área do conhecimento. Não os eruditos, mas os livros constituem-se como memória da humanidade, tendo as bibliotecas o papel seguro e permanente de resguardá-los para a prosperidade. Atenta para os perigos da tradução, pois cada língua possui vocábulos, estruturas e semântica apenas entendíveis nela; e questiona, quem garante que a tradução é fiel ao texto original? (2007, p. 34). Para não se limitar às amarras da especificidade, propõe que a formação da humanidade possua caráter universal, incluindo o retorno dos escritos em latim. Assim, para "melhorar a qualidade dos estudantes" (2007, p. 36), sugere: (1) nenhum universitário poderia ter menos de vinte e um anos, passando por rigoroso processo seletivo, incluindo o domínio em dois idiomas; (2) o primeiro ano de universidade seria reservado apenas ao ensino da Filosofia. Como os docentes consideram somente o aspecto quantitativo do ensino, Schopenhauer desabafa que sua proposta jamais seria aplicada.

Pensar por si mesmo é o título do segundo ensaio. Assim como uma biblioteca desorganizada, o pensamento, se não processado e refletido, limita a mente humana. Destaca que os leitores possuem dois tipos de interesse (2007, p. 39-40): o objetivo (assunto imposto) e o subjetivo (busca de assuntos de caráter pessoal). Saber sobre algo prescinde pensar com profundidade. É a leitura impulsiva, de caráter subjetivo, que instiga o espírito a *pensar por si mesmo*. Lembra que ler implica em seletividade, associada à faculdade de refletir. Do contrário, trata-se de erudição e de pobreza intelectual, retirando do espírito a sua elasticidade, pois ler demasiadamente entorpece a capacidade de pensar. Assim, distancia-se os eruditos (e filósofos livrescos) dos gênios, dos pensadores e dos cientistas. O primeiro, também nominado por Schopenhauer de "mente vulgar" (2007, p. 50), atém-se a leitura pela leitura e preocupam-se exclusivamente com uma formação enciclopédica; usam conceitos emprestados e apenas reproduzem os outros. Já o segundo, terceiro e quarto grupos lêem o mundo com seriedade, originalidade e autenticidade e, portanto, "pensam por si mesmos". Schopenhauer (2007, p. 44) diz que "ler significa pensar com uma cabeça alheia, em vez de pensar com a própria". Defende que "pensar por si mesmo" trata-se da associação entre poucas e pertinentes leituras à capacidade de relacionar com a vivência do mundo, ou seja, é o "encontro feliz e harmonioso da ocasião exterior com a disposição e o estímulo internos" (2007, p. 47).

O terceiro ensaio é intitulado *sobre a escrita e o estilo*. Em relação aos demais, este ensaio aprofunda questões de ordem estética quanto à escrita do texto. Chama a atenção para duas

proposições: (1) o cuidado com o uso da tradução por se tratar de "conteúdos de segunda mão" (2007, p. 61) e (2) a vaidade pela busca da imortalidade da obra - a sua prosperidade vincula-se à transcendência temporal do uso de seus assuntos. Categoriza os tipos de escritores: (1) os que escrevem determinados a esmiuçar um assunto, relacionando as suas experiências e comunicando algo digno e (2) os que escrevem por escrever, geralmente, visam ao dinheiro ou à fama. Estes, pecam pela obscuridade e não acrescenta em nada o leitor e, ainda, deterioram a língua - adulteram e desfiguram o dito de outros autores lidos. Não ficou claro o porquê Schopenhauer diferencia **escritor** e **autor**; acredito que o primeiro revela uma ação e o segundo é o que apresenta o produto final, a saber, o texto. Nessa direção, classifica tipos de autores: (1) os que "escrevem sem pensar" valem-se de *flashs* reminiscentes da memória e afirmações vazias, interessando-se apenas pelo dinheiro; (2) "os que pensam enquanto escrevem"; (3) os que "pensam antes de se pôr escrever" - rara categoria -, pois expressam as suas particularidades (2007, p. 57). Mesmo estes possuem dificuldades em ser originais, pois a influência de outros autores é inevitável, contudo, têm o potencial em produzir uma obra célebre, que pode ocorrer por duas perspectivas quanto à: (1) forma - a maneira como é escrita, ancorando-se na "compreensão, [no] critério, [no] humor e [na] vivacidade" do texto (2007, p. 66) ou (2) matéria (assunto). A arte da escrita prescinde: (a) quanto ao título: curto, conciso, sucinto, preciso, expressivo e represente um monograma do conteúdo. A redundância no título e no texto indica fragilidade. Pior são os plagiados, atestando a incapacidade completa de originalidade; (b) quanto à ética: o plagiado e a falsificação significam falta de escrúpulos e má fé, não diferente, imitar o estilo do outro configura-se numa atitude medíocre.

Assim, no tocante aos contornos do pensamento repousa o **estilo**, ponto crucial deste ensaio. Os escritores vazios usam das sentenças difíceis e sem sentido, nebulosas, obscuras, plurívocas e prolixas, faltando-lhes clareza; outro estilo igualmente confuso: fragmentário, pesado, ambíguo, abastardo de preciosismos, paradoxal e com o uso de termos abstratos. Ambos se esforçam mais em esconder do que mostrar; em mascarar uma aparência erudita com o uso de neologismos e expressões da moda em meio a uma escrita trivial - frases inteiras ininteligíveis e que não anunciam absolutamente nada. As mentes vulgares e pobres revelam um estilo de texto afetado, raciocínio confuso e recheado de preciosismos, escondendo-se na profusão de palavras e excessos de adjetivos. Há também os escritos tediosos, classificados por Schopenhauer em dois tipos: (1) caráter objetivo (escreve sem conhecimento) e (2) subjetivo (depende do que o leitor busca na obra, podendo ser: (2.1) texto excelente, mas de escrita entediante ou (2.2) obra de péssima qualidade, mas excitante). Há os que escrevem como se estivessem falando e os pedantes - falam como se estivessem

escrevendo-, ambos estilos condenáveis por Schopenhauer. Deve-se evitar: uso de "muitas palavras para comunicar poucos pensamentos" [... e] "floreios retóricos desnecessários" (2007, p. 94-95). Entre as páginas 96 a 110, exemplifica acerca: (1) das concisões e supressões demasiadas, (2) da amputação de prefixos e de sufixos e (3) da negligência no trato da pontuação (sobretudo a economia do uso da vírgula), acarretando problemas na significação e nas nuances dos conceitos e das expressões, produzindo uma verdadeira mutilação gramatical e lexical. Alerta também para a confusão que o uso do aposto, sentença explicativa e oração intermediária, entrecruzada, emaranhada, interpolada e subordinada (possui o mesmo uso dos parêntesis e nota de rodapé) causam ao leitor. Recursos vezes desnecessários, que mais confundem do que esclarecem, pois aplica vários assuntos em uma sentença, equivalente a um parágrafo. Para Schopenhauer, o fracasso da literatura alemã revela-se no "desprezo pelas línguas antigas" (2007, p. 110) e extremo subjetivismo na escrita, pois o texto não deve ser um monólogo, ao contrário, precisa de objetividade e promover um diálogo entre autor e leitor.

Ao revés, o escritor autêntico preza pela segurança, autêntica concisão - "dizer que é digno de ser dito" (2007, p.95)-, expressões precisas e criteriosas, simplicidade (traço dos verdadeiros gênios), exatidão, clareza, intencionalidade e capacidade de exemplificar (função didática do autor), seguindo as regras gramaticais e evitando expressões ambíguas e prolixas. O escritor deve partir da seguinte premissa: "é preciso ser econômico com o tempo, a dedicação e a paciência do leitor, de modo a receber dele o crédito" [..., primando pelo] "estilo casto" (2007, p. 93, 95). E completa: "pensamentos decisivos, substanciais, dignos de serem escritos, têm de oferecer matéria e conteúdo suficientes para preencher satisfatoriamente as frases que os expressam, inclusive à perfeição gramatical e lexical de suas partes" (2007, p.110). Um recurso que demonstra a coerência lógica do pensamento é a capacidade de aplicar comparações (paráfrases ou alegorias) ao texto. Em síntese, um bom estilo "é que se tenha algo a dizer" (2017, p. 84), do contrário, revela "pobreza de pensamento, de espírito e de conhecimento" (2017, p. 85, 92).

Sobre a leitura e os livros é o quarto ensaio. Ler o que há de mais recente! - transformou-se numa máxima negativa, afirma Schopenhauer, e este sugere: "é tão importante, em relação ao nosso hábito de leitura, a arte de **não** ler" (2007, p. 132, grifo do autor). Assevera que a leitura pode corromper a nossa capacidade de pensar por si mesmo. Por isso, a seleção das obras é crucial na prática leitora; demasiada entorpece a nossa capacidade de julgar. Produzir livros ruins tem a intenção financeira do autor e das editoras e, por conseguinte, a ampliação do circuito de tolos, pois são prejudiciais, dada a sua inutilidade. Outro problema percebido por Schopenhauer

(2007, p. 133) é a prática do leitor em se contentar com a obra de "segunda mão" e questiona: por que não ler as obras originais e perceber por si mesmo o pensamento do autor? Nessa direção, classifica dois tipos de literatura: (1) aparente, produzida por pessoas que "**vivem da** poesia e ciência" e (2) duradoura, produzida por pessoas que "**vivem para** poesia e ciência", marcada pela "seriedade e tranquilidade" (2007, p. 135, grifo do autor). Recomenda que se leia um texto pelo menos duas vezes para melhor compreensão e acrescenta: "a repetição é a mãe do estudo" (2007, p. 136). Retoma a relevância do ensino e do estudo dos clássicos antigos para a boa formação das mentes. Schopenhauer (2007, p. 137) subdivide dois tipos de história: (1) política: volta-se para a "história da **vontade**"; caracteriza-se pelo medo, angústia e morte e (2) literária: de caráter agradável e jovial, volta-se para o intelecto e nela incorpora-se a Filosofia. Assemelha a ciência à "epiciclos ptolomaicos", explicando que avança significativamente após períodos de "descaminhos" - a cada trinta anos - e, por isso, constantes em sua história. Esse embate proporciona a incorporação tardia do pensamento novo e, por isso, o reconhecimento do autor por vezes é póstuma. Exemplifica esse epiciclo na história do pensamento da Alemanha, representado pelas figuras de Kant (1724-1804) e de Hegel (1770-1831). Entretanto, o segundo, tratou-se de um charlatão e pseudofilósofo, que conduziu a narrativa alemão ao precipício. Concluindo este ensaio, que considero uma passagem autobiográfica, Schopenhauer (2007, p. 144) desabafa: "[...] mostraria como eles, com poucas exceções, sofreram na pobreza e na miséria, sem reconhecimento, sem apreço, sem alunos, enquanto a fama, a honra e a riqueza eram reservadas aos indignos em cada área".

O último ensaio é intitulado *sobre a linguagem e as palavras*. A linguagem se originou na materialização de signos que representavam as sensações, emoções, ordenação, do que se classificou gramaticalmente de interjeição. Depois, a complexidade foi acrescentada pela ação (verbo), pela nomenclatura (substantivo) e assim seguiu. Critica as línguas vernáculas e as suas revisões/atualizações gramaticais, que as tornam "cada vez piores e mais simples" (2007, p. 146). Em consequência, defende o estudo de várias línguas para que o leitor possa perceber as conexões e as distinções entre os vocábulos, sintaxes, léxicos, conceitos, pois traduzir um texto não é mera troca de palavras. Configura-se como compreensão de sentidos e de percepção aguçadas das sutilezas terminológicas. Nem todo termo possui um equivalente em outro idioma e, por isso, toda tradução é imperfeita por natureza, necessitando do tradutor esmero quanto ao exercício desse procedimento. No caso dos poemas, em especial, a tradução revela-se um processo de recreação textual, afirmava Schopenhauer (2007, p. 153), e sugere procedimentos para a realização de uma tradução: (1) "compreender corretamente

todos os conceitos que a língua a ser aprendida designa"; (2) "pensar no conceito designado pela tradução"; (3) atentar para as expressões idiomáticas, que apresentam significados distintos e, se traduzido termo a termo, descaracteriza o sentido da sentença; (4) estar atualizado, pois cotidianamente a língua manifesta novos conceitos e signos. Acredita que o poliglotismo muito acrescenta ao espírito, permitindo a este tipo de leitor sensibilidade quanto às sutilezas de cada idioma, produzindo flexibilidade mental constante. A tarefa de traduzir é um perene movimento de decomposição e recomposição. Contudo, o estudo das línguas clássicas, especificamente o latim, em função de sua pureza, seria o recomendável para a versatilidade da mente, ampliando o universo vocabular e igualmente impacta o estudioso para as sutilezas/nuances dos conceitos. Por isso, tal língua deveria fazer parte do currículo escolar, aspecto enfatizado por Schopenhauer em três dos cinco ensaios que resenhei. Critica o distanciamento do ocidente em relação à língua chinesa, associando tal dificuldade à decodificação sonora e visual de seus signos. Tece considerações acerca da língua quanto às mutações em virtude das supressões de consoantes e de vogais ao longo dos anos. Ao final, tipifica a língua alemã.

Vários aspectos tornam Schopenhauer um autor imortal, entre os quais destaco as suas críticas à produção editorial viciada, que vislumbra interesses particulares em detrimento do público. Nessa direção, não é estranho compreender os motivos que levaram Schopenhauer ao "exílio" social e filosófico. Por tal sinceridade, foi marginalizado, nitidamente entendido. E em tempos da Sociedade da Informação? Parece-me que não mudou muito: seja pelo viés financeiro ou pelo *status* de poder que algumas pessoas assumem num determinado espaço, publica-se, indiscutivelmente, numa facilidade impressionante qualquer coisa!

Em seu quarto ensaio, Schopenhauer tipifica a literatura em pessoas que "**vivem da** poesia e ciência" e as que "**vivem para** poesia e ciência" (2007, p. 135). Em particular, esse enquadramento parece-me tão bucólico quanto romântico. Não participei do circuito universitário alemão do século XIX, óbvio. Sem embargo, vivo o século XXI e afirmo que uma parte da ciência transformou-se numa cruel indústria! Publica-se quaisquer artigos sem resultados; currículos fastidiosamente inúteis do ponto de vista de contribuição à sociedade, contudo, está lá, postado. Cada vez mais, os cientistas são engolidos para viver **da** ciência. Em alguns cursos de graduação e de pós-graduação cobra-se um artigo como produto final das disciplinas cursadas. A questão que aponto não se volta para o objeto de avaliação, o artigo, mas como é conduzido o processo: sem orientar o aluno quanto à indicação de objetivo, da problemática e dos supostos resultados vinculados ao problema pesquisado. E virou moda: escrever sobre o "estado da arte".

Enquanto exercício de escrita, parabeno o esforço, mas o que vejo é uma compilação de citações sem nexos e pronto, divulga-se. E mais um ponto no currículo!

Sobre a leitura e os livros, ainda no quarto ensaio, Schopenhauer explica que a ciência avança periodicamente após descaminhos, e compara esse movimento aos "epiciclos" de Ptolomeu (90-168). Os planetas do sistema solar movimentam-se em círculo, voltando ao mesmo ponto de tempos em tempos (GRUPO DE HISTÓRIA..., 2017). Aproximando a teoria ptolomaica ao que Schopenhauer descreve, a ciência entra em períodos de falência e segue, em seguida, com avanços em suas explicações sobre a realidade. Essa percepção remeteu-me ao que Kuhn (1922-1996) nominou como revolução científica, da emergência de paradigmas a cada crise dos modelos científicos que já não conseguem mais explicar os fenômenos correntes, sejam sociais ou físicos (KUHN, 2013). Será que Kuhn desenvolveu a sua proposta baseado em Schopenhauer?

Ler Schopenhauer a princípio foi um desafio em virtude de negativas experiências em tentar decifrar outros autores alemães. No entanto, foi uma grata surpresa. Sua linguagem clara, didática e recheada de exemplificações condiz com a sua orientação quanto à estética e à postura a ser assumida pelo escritor: simples, dialógica, concisa, direta e ter conteúdo. Em tempo de Internet, imagino o quanto Schopenhauer criticaria essa lógica da produção em massas e megalomaniaca sociedade consumista. Se a época, a produção se restringia aos livros, às cartas e às revistas, hoje, a lista de documentos para a leitura é extensa, tal qual a "necessidade" criada por aspirar só o que há de novo escrito. Literalmente, as pessoas são diariamente bombardeadas por torpedos de informação. Mas, de fato comunicam algo novo e que mereça ser lido? Estar sempre informado - a máxima do momento -, e indago: qual é o tempo de selecionar e de refletir sobre o lido? Passado um século e meio a sua morte, o que mudou? Percebo que suas críticas são tão presentes como outrora. No universo acadêmico, do qual respiro e vivo há duas décadas, vejo em seus corredores a constante busca pelas obras atuais, muitas, de segunda mão; textos que particularmente nomino de *apud*. Seguramente, Schopenhauer (2007, p. 61) complementaria esse parágrafo asseverando: "o novo raramente é bom, porque o que é bom só é novo por pouco tempo". Nessa direção, afirmo que *a arte de escrever* é um obra que precisa ser lida por qualquer estudante de graduação e pós-graduação. As suas orientações quanto à estética de um texto contribuem de modo significativo na compreensão da escrita.

REFERÊNCIAS

GRUPO DE HISTÓRIA, TEORIA E ENSINO DE CIÊNCIAS.
Sistema ptolomaico. São Paulo: USP, 2017. Disponível em:
<<http://www.ghtc.usp.br/server/Sites-HF/Geraldo/ptolemaico.htm>>. Acesso em: 14 jun. 2017.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas.** Tradução Beatriz Vianna Boeira; Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 2013.

PUC-SP. **Vida & obra:** Arthur Schopenhauer. São Paulo: L&PM, 2017. Disponível em:
<http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecaoID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=706094>. Acesso em: 04 jun. 2017.

SCHOPENHAUER, Arthur. **As dores do mundo.** [S. l.: s. n.], [20--]. Disponível em:
<<https://bibliotecadafilo.files.wordpress.com/2013/11/schopenhauer-a-dores-do-mundo.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2017.

_____. **A arte de escrever.** Tradução Pedro Süssekind. Porto Alegre: L&PM, 2007.